Globethics Repository



A imagem platônica do sol na metafísica do pseudo-dionísio [The platonic image of the sun in the metaphysics of the pseudo-dionysius]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Simer Curbani, Weriquison
Publisher	Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-16 00:23:05
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233966

A IMAGEM PLATÔNICA DO SOL NA METAFÍSICA DO PSEUDO-DIONÍSIO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIFUSÃO DA LUZ DE DEUS NO MUNDO NA OBRA "DOS NOMES DIVINOS"

Weriquison Simer Curbani*

Resumo
Na obra *Dos nomes divinos* do Pseudo-Dionísio Areopagita a imagem do sol surge no contexto da *metafísica da luz*. Esta imagem platônica é utilizada pelo Pseudo-Dionísio como arquétipo incomparável para ilustrar como o divino lança os raios de sua infinita bondade e sabedoria a todos os seres. O sol é o grande astro responsável pela origem e sustentação de tudo o que há no mundo físico e, por isso, para Dionísio, uma imagem perfeita do poder de Deus sobre a totalidade do mundo. Assim como Platão se dirige às alturas do inteligível e estrutura a realidade a partir da Ideia (*eidos* ou *idea*) do Bem, Dionísio desenvolve essa imagem platônica como a realidade se configura a partir de Deus, e o sol é um instrumento fundamental para a composição do real. Nosso estudo, portanto, analisará a forma como a metafísica da luz do Pseudo-Dionísio reinterpreta a imagem platônica do sol, imagem esta, presente no Livro VI da *República*.
Palavras-chave: Dionísio Areopagita, *Dos nomes divinos*, bem, sol, Platão, *República.*

1 Introdução: a imagem platônica do sol como herança histórica

Que imagem (*eikón*) seria a mais adequada para ilustrar, num tempo ulterior a Platão (ca. 427-347 a.C.), a irradiação dos raios do Supremo à sua geração? A metafísica da luz do Pseudo-Dionísio Areopagita (séc. V) surge em sua obra *De divinis nominibus* para demonstrar, por via do recurso simbólico-imagético, como o divino se estende a todos os seres através dos raios de sua infinita bondade.

Apresentar a forma como o divino se estende a todos os seres, assim como em Platão a Ideia do Bem ilumina todas as coisas, não é uma novidade do

* Mestrando em Filosofia – UFES.

Pseudo-Dionísio Areopagita; Plotino (ca. 205-270 d.C.), na tentativa de unir o "Bem" da *República* ao "Uno" do *Parmênides* (PLOTINO, 1999-9),[1] teria herdado de Platão essa concepção metafísica de fonte inesgotável de luz, da qual todos os seres participam, o Uno-Bem. O que quer dizer que, depois de Platão e no contexto do neoplatonismo, o Bem continua a ser o princípio absoluto, a fonte de luz que reluz em todas as direções, i.e, ele é responsável pela estrutura e sustentação de toda a realidade. A luz se fixara no divino de tal modo que a história jamais a separou; tornara-se a imagem perfeita.

Do mesmo modo que Plotino, o também neoplatônico Proclo (ca. 410-485 d.C.), discípulo de Siriano (ca. 400-457 d.C.), teria conservado esta imagem platônica do sol em sua obra (PROCLUS, 1987, p. 228). A partir de comentários de Plutarco (ca. 45-120 d.C) a Aristóteles (ca. 384-322 a.C) e a Platão no princípio do séc. V, Siriano cultiva as especulações metafísicas desses comentários e as transmite a Proclo (ABBAGNANO, 1991, p. 90-91). Dos estudos sobre Platão, Proclo comenta o *"Timeu, Parmênides, Alcebíades, Filebo, Fédon, Fedro, Teeteto, Górgias, Banquete* e *Sofista*, além de algumas análises sobre *A República"* (BEZERRA, 2006, p. 99). O esforço de Proclo consiste em relacionar a filosofia de Platão ao ideário metafísico-religioso de sua época – uma característica muito comum à maioria dos pensadores desse período.

Segundo dados históricos, a morte de Proclo ocorreu cerca de 485 d.C., e os escritos do Pseudo-Dionísio Areopagita, denominados *corpus Dionysiacum,* receberam a primeira menção em 533 d.C., num encontro de ortodoxos e monofisistas em Constantinopla (DIONÍSIO, 2004, p. 16-17). Tudo indica que o Pseudo-Dionísio Areopagita teria recebido de Proclo esta herança metafísica platônica, pois no capítulo IV da obra *Dos nomes divinos* Dionísio cita (indiretamente) Proclo – o que é um indício da influência de textos neoplatônicos e não diretamente do próprio Platão.[2]

[1] Sobre o Bem e o Uno, ver Eneadas I e V; a primeira trata "Do Bem primário e dos outros bens", e a segunda, do "Uno".

[2] Sobre essa influência de Proclo no pensamento de Dionísio, Santos (UFES), remetendo ao capítulo IV da obra *Dos nomes divinos,* diz que: "Na questão do mal, o influxo de Proclo sobre Dionísio Pseudo-Areopagita é inequívoco, de modo que podemos estabelecer um paralelo entre as duas obras, *Dos nomes divinos* e *De subsistentia malorum*, sob a forma das seguintes questões: O mal existe? (DSM 1-10; DN IV, 18-20); onde se encontra o mal? (DSM 11-39; DN IV, 21-29); de onde vem o mal? (DSM 40-49; DN IV, 30-31); qual é a sua natureza? (DSM 5-57; DN IV, 31); como a existência do mal é compatível com a Providência? (DSM 58-61; DN IV, 32-34). Cf. Bento Silva Santos. A questão do mal na obra *Dos nomes divinos* (IV, §§ 1835) de Dionísio Pseudo-Areopagita. 2006. p. 1 e 6.

Tanto em Plotino como em Proclo e Dionísio a forma de explicar como o divino se lança em direção ao mundo é a mesma: recorre-se à imagem platônica do sol e utiliza-se o poder metafórico da luz. Mesmo que haja diferenciações teóricas bem particulares do pensamento entre esses três pensadores, no que diz respeito às especulações metafísicas sobre o Uno, o Bem ou Deus – e sempre há –, o modo como eles explicam o processo de expansão do absoluto à diversidade do mundo permanece fiel a Platão. A imagem do sol da *República* é, sem dúvida, perfeitamente assumida e atualizada por esses pensadores, e atualizada no sentido de que, a cada época, permanecendo sempre a mesma, ao mesmo tempo é moldada ao pensamento dos metafísicos que dela se utilizam.

Se em Platão esta imagem surgiu para mostrar a Ideia do Bem como fonte de luz e sua relação com o todo da realidade (PLATÃO, 2006, p. 508c), em Plotino ela é atualizada a partir da concepção de Uno-Bem: o supremo indescritível que lança seus raios a tudo o que dele participa (BEZERRA, 2006. p. 69). Proclo a contextualiza, mais fortemente, a partir da sabedoria dos mistérios, dos oráculos caldeus, e o Uno já quer dizer, aí, expressamente, o Pai supremo e visa explicar como, em sua luz, Ele se relaciona com os seres e dirige o mundo, sendo princípio (*archké*), meio (*méson*) e fim (*télos*) de todas as coisas (BEZERRA. 2006. p. 112, 116, 120); já em Dionísio – que muitos elementos herda de Proclo – a metafísica da luz aparece dentre aqueles nomes divinos que mostram a causalidade de Deus no mundo, a imagem do sol é o arquétipo incomparável para ilustrar a relação entre Deus e Sua criação e mostra como esta luz divina é distribuída, perpassando toda a hierarquia celeste até os mais longínquos seres (DIONÍSIO, 2004. p. 94). De qualquer forma, em todos os casos, o que vigora e não muda é a força da metáfora – os raios do sol (do Supremo) a iluminar e vivificar tudo o que há abaixo dele.

2 A imagem solar e seu contexto na *República* de Platão

Mas onde, quando e como surge esta imagem? Sabe-se que é uma imagem platônica. Mas em que contexto? E o que ela quer dizer? A imagem platônica do sol surge no Livro VI da *República* no contexto em que Gláucon pede a Sócrates para explicar o que é, de fato, o bem:

> – Por Zeus! Sócrates, disse Gláucon, não te vás como se tivesses chegado ao fim! Para nós será suficiente que faças uma exposição sobre o bem como já fizeste sobre a justiça, a temperança e outras virtudes.
> – Também para mim, companheiro, será bem suficiente. Temo, porém, que não seja capaz [...]. Por agora deixemos de lado o que vem a ser o próprio bem... É que sinto que é muito para o meu ânimo conseguir expressar minha opinião neste momento. Quero enunciar o que me parece ser um filho do bem que é muito semelhante a ele, se isto for de vosso agrado, ou, caso contrário, desistir disso (PLATÃO, 2006, p. 506b).

Aqui, neste instante, Sócrates apenas enuncia a imagem (filho) do Bem, mas não a expõe. Todos estão convictos de que o Bem, em Platão, é a Ideia Suprema, causa de todas as causas, fundamento e razão de toda a realidade, ou seja, o Bem é o princípio (*arkhê*) de tudo. E neste momento da *República*, já que Sócrates não se acha capaz de falar sobre o Bem, para explicá-lo como uma instância absoluta responsável por todas as coisas – e antes de revelar o que para ele é o filho do Bem –, Sócrates começa por falar da luz:

> – Ainda que haja visão nos olhos e haja quem possa fazer uso dela, ainda que haja cores nos objetos, se não estiver presente um terceiro elemento que seja naturalmente apropriado para isso, sabes que a visão não verá e as cores se manterão invisíveis.
> – Do que estás falando?
> – Daquilo, disse eu, que chamas de luz.
> – Dizes a verdade, disse.
> – Ah! Não é frágil o liame com que se unem o sentido da visão e a capacidade de ser visto... Ele é mais valioso que os outros vínculos, se admitirmos que a luz não é sem valor.
> – Ela está longe, disse, de ser de pouco valor.
> – Então, entre os deuses do céu, qual deles indicas como o que tem poder para fazer isso? De quem é a luz que faz com que vejamos com a maior nitidez possível e sejam vistas as coisas visíveis?
> – Do mesmo deus que tu e os outros indicaríeis... disse. O sol! É evidente que é essa a resposta à tua pergunta. [...].
> – Pois bem! Disse eu. Deves pensar que eu afirmo que o sol é o filho do bem, aquele que o bem engendrou como análogo a si, cuja relação no mundo inteligível com a inteligência e as coisas inteligíveis é a mesma que o sol tem, no mundo visível, com a vista e as coisas visíveis (PLATÃO, 2006, p. 507a-508c).

Eis aqui o nascimento da imagem solar reluzente entre os neoplatônicos; o grande astro que Platão considera como um dos "deuses do céu" é, agora, o filho gerado e a imagem análoga do pai. Mas o que é o Bem? Talvez não nos seja possível corresponder a esta exigência, menos ainda se for formalmente. Mas Heidegger se esforça para isso, ao dizer que:

A ideia *suprema* é o bem. ἀγαθός diz e significa, para um grego, o que se impõe, o que se mantém e resiste. Ser bom significa: impor-se, resistir e, assim, manter e dar consistência. É o que corresponde à essência da ideia: o que possibilita ser e abrir-se ao que está sendo e se abrindo. Enquanto o que possibilita, enquanto possibilitadora, a ideia há de ser o que, propriamente, se impõe, o que dá solidez e consistência. Daí ser o *bem* a ideia suprema (HEIDEGGER, 2007, p. 202).

O bem, então, é a base sobre a qual se funda toda a realidade, é a origem e sustentação de tudo o que se apresenta como sendo na realidade; portanto, é a fonte possibilitadora de tudo o que é e venha a ser.

O que o sol é no sensível, o bem é no inteligível. Tudo o que se descreve no mundo físico será, por metonímia, o que se passa no mundo inteligível. E a luz é o elemento e o alimento solar-divino que ilumina e nutre todas as coisas em tudo.

É neste sentido que a luz aparece entre aqueles nomes divinos do Pseudo-Dionísio Areopagita, ela é a "imagem da bondade" divina justamente porque nutre e mantém todos os seres. O nome Luz está intimamente ligado ao nome Bem, e, ao tratar dos vários nomes que revelam o divino em sua manifestação, Dionísio destaca o Bem como o mais apropriado para descrever a relação de Deus com o mundo. Esta relação se dá mediante a luz que emana dessa instância, que é o Sumo Bem; neste sentido, o nome Bem é pensado como um atributo de Deus: o altíssimo, que é Bom, quer o bem de tudo. Deus é puro Bem, Ele é Bom. E por causa de Sua suprema bondade Ele ilumina, vivifica e conserva toda Sua criação. Esse iluminar tem como fonte o Bem, porém, Deus é algo que se encontra para além de todos os nomes que dizem de Si. Deus é o Ser Supremo e se encontra para além do Ser; neste sentido, Ele é uma espécie de meta-Ser. Portanto, Deus é o insondável, o indescritível, o inabarcável, enfim, o inalcançável.

Em que pesem todas estas considerações sobre o absoluto, Deus se estende ao mundo através dos raios de Sua infinita bondade. O Bem supremo

é supremamente Bom e se lança à Sua criação pelos raios de Sua divina luz. Por isso, Dionísio, também, O chama de Luz (*phôs*) (DIONÍSIO, 2004. p. 51). É marcante, aqui, a herança platônica da relação Bem e luz que Dionísio recebera dos neoplatônicos e que, agora, se esforça para harmonizá-la com o cristianismo; é visível o empenho para adaptar o formato platônico da relação Bem e luz – na sua irradiação superabarcante – à difusão dos raios de Deus – em face da sua processão com relação ao mundo. E nisto, pode-se dizer, Dionísio se aproxima muito de Platão.[3]

Mas entre o Bem platônico e o Deus de Dionísio há uma diferença que deve ser considerada; em Dionísio Deus é Bem e está além do Bem, enquanto em Platão o Bem é a instância última da realidade.[4] Esta concepção dionisiana de situar Deus além do Bem, ou melhor, de colocar Deus acima de todos os nomes e de tudo o mais – como sendo o inabarcável – recebe sua raiz dos neoplatônicos, pois Plotino já dissera sobre a impossibilidade de descrever de forma absoluta o Uno-Bem, dizendo que o Uno "[...] é todas as coisa e nenhuma" (BEZERRA, 2006, p. 68); assim, não se pode afirmar que o Uno é isto ou aquilo; segundo Plotino, o "Uno é inefável" (BEZERRA, 2006, p. 69). Do mesmo modo, Proclo, também, comunga dessa concepção de Supremo absoluto impossível de ser alcançado e descrito, pois o "Uno transcende toda determinação" (BEZERRA, 2006, p. 126). Portanto, para este pensamento que coloca o absoluto num lugar inalcançável, pode-se dizer que o Bem de Platão é tomado apenas como um atributo que remete para o Uno-Bem (Plotino), o Uno-Pai (Proclo), e Deus (Dionísio), o Supra-Ser insondável.

3 Dionísio e a manifestação-relação do Divino

Para falar desse caráter insondável de Deus, Dionísio recorre ao termo *moné*. "A *moné* concerne a 'morada' de Deus, o 'lugar' de sua permanência, a sua transcendência" (DIONÍSIO, 2004, p. 28); *moné* é a instância que ultrapassa qualquer forma de compreensão. Assim, de Sua

[3] Aproximação que diz respeito apenas à difusão dos raios, como metáfora.

[4] Vale ressaltar, aqui, que jamais Platão diz o que Bem é, ele não o descreve; para falar do Bem Platão utiliza a imagem do sol.

absoluta transcendência, Deus se manifesta ao mundo e revela algo de Si. "Este manifestar-se de Deus é expresso com o termo *próodos* (transmissão, emanação)" (DIONÍSIO, 2004, p. 29). É deste modo que, separado de tudo, Deus se faz presente entre à diversidade do mundo; noutras palavras, de Sua morada (*monê*) distante, Ele se aproxima das coisas do mundo.

Essa aproximação se dá mediante os raios de Sua gloriosa luz, que é lançada em direção de todos os seres. Aquele que é Bem, em Sua bondade, lança Sua luz à multiplicidade existente e nutre, conserva e quer o bem de tudo, pois Ele é infinita bondade. Em face desta luz sustentadora, todos os seres se voltam para Ele, o Bem absoluto. A este movimento de retorno em direção ao divino dá-se o nome de *epistrophé*. Deste modo, "a *epistrophé* representa o pressuposto do retorno dos seres ao princípio originário" (DIONÍSIO, 2004, p. 30). É uma conversão natural de todos os seres diante da luz. O Bem, sendo fonte originária de todo ser, fonte de luz que alimenta a tudo, por causa de sua natureza reluzente se lança em todas as direções. E pela força de Sua luz, todos os seres, igualmente, tendem a Ele. Portanto, assim como ocorre com o sol no ambiente sensível – onde todos os seres buscam-no para ganhar sua vida –, da mesma forma se passa com o Bem num nível suprassensível – tudo se curva diante de Sua luz, buscando-a.

Essa é a chave para Dionísio explicar a processão do divino em relação ao mundo e o comportamento das coisas do mundo em relação a Deus. Efetivamente, Dionísio utiliza a linguagem imagética platônica correlacionando Bem e sol para explicar essa interação Deus–mundo. Assim como é próprio da natureza do sol reluzir e afetar, também é próprio da natureza do Bem constituir-se como um ser Bom que quer o bem de todos, atingindo-os. Por essa razão a imagem platônica do sol é fundamental para explicar a relação Deus–mundo. Pois o sol é este grande astro que a tudo ilumina e alcança no mundo físico, fazendo com que tudo se volte para ele.

A luz, que tem como fonte o Bem, na medida em que se lança em direção à diversidade dos seres, é pensada como a imagem da bondade. Dionísio diz textualmente: "A luz deriva do bem e é a imagem da bondade; por essa razão, celebra-se o bem chamando-o luz *[697 C]* como o arquétipo que se manifesta na imagem" (DIONÍSIO, 2004, p. 94). Utilizando elementos da teologia simbólica (2004, p. 96), que se vale de imagens sensíveis para falar do suprassensível, Dionísio arquiteta filosoficamente a realidade diante do Deus supersubstancial. E num misto de materialidade simbólica e imaterialidade

concreta, é desenhada a estrutura do real mediante a relação Deus–mundo. Em suma, Deus se relaciona e se revela ao mundo mediante Sua luz, e para bem compreender este processo não há imagem mais adequada que a metáfora solar platônica:

> Assim como, de fato, a bondade divina superior a todas as coisas penetra toda substância, desde as mais altas e mais antigas até as últimas, ainda que permaneça acima de todas, sem que as mais elevadas possam atingir a sua excelência e sem que as mais baixas escapem ao seu influxo, *[115]* mas ilumina, produz, vivifica, contém e aperfeiçoa todas as coisas aptas a recebê-la *[116]* e é a medida, a duração, o número, a ordem, a custódia, a causa e o fim dos seres, *[117]* assim também a imagem onde se manifesta a bondade divina, isto é, este grande sol todo luminoso e sempre reluzente segundo a tênue ressonância do bem, ilumina todas aquelas coisas que são capazes de participar dele e tem uma luz *[657 D]* que se difunde sobre todas as coisas e estende sobre a totalidade do mundo visível, [...] (DIONÍSIO, 2004, p. 94).

Neste momento, as palavras de Dionísio dizem expressamente que não há nada que escape da luz divina na totalidade do mundo, e, traçando um paralelo com o sol em sua relação com o mundo visível, busca-se enaltecer a bondade de Deus em relação a todas as criaturas. Portanto, "não há nenhuma das coisas visíveis *[700 A]* que o sol não atinja, graças à grandeza excelente de seu próprio esplendor" (DIONÍSIO, 2004, p. 94). De acordo com essa forma de ver o grande astro, podemos pensar que o sol, para o mundo sensível, é uma espécie de deus, pois sem ele não haveria plantas, animais, o homem, enfim, nem mesmo a Terra e todos os outros planetas existiriam; tudo só existe porque gira em torno do sol; tudo só se faz visto porque orbita em volta dele e é atingido por sua luz. É esta mesma luz que dá existência a todos os seres animados e inanimados e os sustenta; por isso, o sol é um deus para tudo o que é sensível, e é assim que Platão o considerava, o sol é um deus "entre os deuses do céu" (PLATÃO, 2006, p. 508b).

O sol é a imagem mais semelhante ao divino Supremo; sem o sol o mundo sensível dos homens pensantes e de todas as outras coisas não existiria, porém, é preciso observar que o sol não é a causa final de todas as coisas; a causa absoluta de tudo é sempre o Bem, tanto em Platão quanto em Dionísio. O sol, para Dionísio, "contribui para a geração dos corpos sensíveis

e os move para a vida, os nutre, os faz crescer, os aperfeiçoa, os purifica e os renova" (DIONÍSIO, 2004, p. 94). Assim, ao mesmo tempo em que tudo depende do sol para ter sua existência no mundo sensível, deve-se admitir que ele apenas contribui para a existência das coisas, pois, em Dionísio, a razão última como causa é sempre Deus.

Do mesmo modo, como já dissemos, em Platão a razão última de todas as coisas é o Bem; porém, Platão nomeia o sol como sendo um deus. Isso não acontece em Dionísio. Obviamente, dentro da lógica do pensamento cristão não caberia dar lugar para outro deus, pois há apenas um único Deus, o Supremo criador; empecilho que não existe no pensamento politeísta dos gregos, pois, admitida uma multidão de deuses, o sol seria apenas mais um na imensidão do cosmos, que "sempre foi, é e será, fogo sempre vivo, acendendo segundo a medida e segundo a medida apagando", como diz Heráclito (LEÃO, 2005, p. 67).

Mas talvez as semelhanças entre o pensamento cristão e o grego estejam mais próximas do que imaginamos; a tradição filosófica engessou uma diferença entre esses dois universos, que, de repente, podem não ser tão distantes assim. Isso não quer dizer que devamos tomar o pensamento grego como sendo idêntico ao pensamento cristão; todos sabem que, de início, já encontramos uma diferença radical: o mundo cristão é criado por um Deus, e o cosmos dos gregos sempre existiu. Essa é uma diferença inegável, e talvez a pergunta fosse: quem tem que se adequar a quem? Mas, polêmicas a parte, vemos também semelhanças; por exemplo, no caso de Platão, o Bem é a instância absoluta, assim como Dionísio e os demais cristãos consideram Deus; vemos também que a imagem do sol foi aproveitada pelos cristãos; isso não é à toa; há, aí, uma forte proximidade de sentido entre gregos e cristãos com relação à mensagem que se quer passar em torno de uma metafísica que se quer estabelecer. Outro ponto é a hierarquia celeste. Nota-se que há sempre uma instância primeira e fundamental que é a base para todas as outras coisas e em seguida há outras ordens; por exemplo, no caso de Platão temos o Bem, o Demiurgo, os deuses, as almas compondo o cosmos; já no caso do cristianismo temos, em primeiro lugar, Deus (em alguns casos o Cristo), depois, os arcanjos, os anjos, as almas, e assim por diante.

Quando Platão toma o sol como um deus, talvez esteja tratando dessa hierarquia celeste; afinal de contas, Platão é um pensador metafísico e esotérico, herdeiro dos conhecimentos da sabedoria antiga, dos oráculos,

do orfismo, do pitagorismo, enfim, e é provável que tenha conhecido os mistérios egípcios, já que viajou para lá em visitas aos profetas, como menciona Diogenes Laértios (séc. III) (LAÊRTIOS, p. 1988, p. 86). Ora, de onde Platão retirara esta imagem? Será criação sua ou ele apenas deu sentido e destaque a ela? Pois Platão é um pensador que não descarta os mitos; ele dá roupagem a eles, modela-os de modo a imputar-lhes sentido (ROGUE, 2005, p. 64). O sol, com esta denotação divina, provavelmente não nasceu em Platão, pois os egípcios já consideravam Osíris como o deus sol, assim como alguns indígenas e povos do oriente, também, o considerava deus. Enfim, o grande astro solar já estava na pauta das indagações metafísicas da sabedoria antiga. No contexto do platonismo, ele surge como um deus que é como filho do Bem, ou seja, que é a imagem e semelhança Dele; assim, da mesma forma, Dionísio Areopagita o aproveita como a imagem perfeita, tendo a intenção de nos possibilitar um vislumbre do que seja o divino criador, pois é o sol o instrumento mais próximo para esta compreensão do divino, já que o divino, em Dionísio, jamais pode ser conhecido em seu absoluto mistério.

> De fato, esta é a luz que, ainda que fosse informe, como diz o divino Moisés, tinha já definido os nossos primeiros três dias e, *[120]* como a bondade converte *(epistréphei)* tudo para si e é o princípio que reúne as coisas dispersas, como divindade que é ao mesmo tempo princípio do uno e princípio unificador, e todos os seres a desejam como princípio, sustento e fim, e o bem, como dizem as Escrituras, é aquele a partir do qual todas as coisas são e vêm à existência, como que deduzidas de uma causa perfeita, e no qual *[700 B]* todas as coisas subsistem, como que protegidas e contidas em um recesso onipotente, para o qual todas as coisas convergem, assim como para o limite próprio a cada uma, *[122]* e o qual todas as coisas desejam: as inteligíveis e as racionais, por modo de conhecimento, e as sensíveis, por modo de sensação, e as privadas de sensibilidade, por um movimento inato de instinto vital, e as privadas de vida e que somente existem, pela simples participação na substância (DIONÍSIO, 2004, p. 95).

Aqui, Dionísio recorre às Sagradas Escrituras para falar desse caráter essencial da luz como fonte de criação; segundo o Areopagita, o divino Moisés coloca a luz como sendo o elemento primordial de criação, ou seja, sem a luz não há possibilidade de aparecimento de coisa alguma. É curiosa

essa afirmação, pois, de acordo com a cronologia dos dias da criação no Livro de Gêneses, o sol e a lua passaram a existir no quarto dia, e Moisés, segundo Dionísio, fala que a luz "ainda que fosse informe", já tinha definido os primeiros três dias.[5]

A filosofia de Dionísio se vale das Sagradas Escrituras para dar base e sustento à sua arquitetura. Aqui não vemos complicação alguma em harmonizar o pensamento cristão com o pensamento filosófico da tradição; pelo contrário, parece ser a intenção do Areopagita tornar evidente o diálogo entre estes dois universos. Em momento algum nota-se constrangimento ao mencionar as Escrituras, pois são elas que revelam para todos o que podemos conhecer do divino. Sobre este ponto o historiador Etienne Gilson, ao falar de Dionísio, assim se pronuncia:

> Como só Deus se conhece, só ele, portanto, pode dar-se a conhecer àqueles que o procuram com modéstia. As próprias Escrituras só falam dele em termos tomados de empréstimos às Escrituras, e todas estas são participações no Bem supremo, que cada uma representa em seu grau e seu nível hierárquico. Decifrar a criação à luz das Escrituras é abrir-se à graça da iluminação divina, conhecer Deus como causa, ser e vida de todos os seres, restaurar em si a semelhança divina apagada, dominar as paixões da carne e retornar à sua origem. Porque Deus é a luz dos que vêem, a santidade dos santos, a divindade, a simplicidade e a unidade dos que se divinizam nele e que encontram nele, recolhendo-se, de sua dispersão no múltiplo, a perfeição da unidade.
> É para nos ajudar nesse ponto que as Escrituras dão a Deus os nomes que elas usam: unidade, beleza, soberania e outros mais (GILSON, 1995, p. 84).

O que se quer frisar no trecho em que citamos Moisés, é que "luz" e "criação" estão intimamente relacionadas, pois não pode haver um Deus sem a luz, e criando o mundo, só o faz por meio de Sua luz; assim, a luz é a imagem da bondade divina, a luz é a grande metáfora para se falar desse Deus criador a quem Dionísio se reporta. Esse Deus, sendo puro bem e bondade infinita, dá existência a todas as coisas e quer o bem de tudo quanto Ele criou.

[5] Cf. Gênesis, capítulo sobre "A criação".

Através de Sua luz, Ele dá existência a tudo, conserva tudo e faz com que tudo se converta para Ele, pois toda a Sua criação quer ser banhada pela luz que tem como fonte Ele, e assim a luz dá vida, conserva e nutre todas as coisas. Deste modo, "todos os seres o desejam como princípio, sustento e fim", nas palavras de Dionísio, "como dizem as Escrituras" (DIONÍSIO, 2004, p. 95).

Por isso, a imagem do sol é o exemplo sublime a ser utilizado pela filosofia do Areopagita, pois, assim como ocorre com o sol no sensível, ocorre, também, numa escala superior e suprassensível, com o Deus criador. No ambiente sensível, todos os seres precisam do sol e o buscam para terem sua existência. Vemos essa tendência de buscar o sol em todos os seres; por exemplo, planta-se uma semente, tão logo surge uma arvorezinha, ela já começa a buscar a luz solar, crescendo e envergando-se em direção ao sol, ela o procura, o deseja, deseja sua luz, pois é a luz que lhe dá o sustento e, consequentemente, a vida.

Tudo o que existe no planeta Terra foi delineado com base na (e a partir da) natureza do sol, que, através de sua luz, deu ordem a tudo e fez com que tudo dependesse dele para sobreviver; o animal só é animal, com esse corpo de animal e aparência de animal, com seu sistema sanguíneo, com sua pelagem e todas as outras características, porque o sol permitiu que ele assim fosse; o sol definiu e define tudo no mundo terrestre, ele é a instância última que tudo no sensível tem que desejar, à qual tudo tem que se dobrar. Portanto, tudo o que há aqui no sensível deve sua existência ao sol, e podemos dizer que são filhos do sol, porque participam do sol, e estão ligados ao sol por intermédio dos raios. Devemos lembrar que somos afetados constantemente por seus raios e ganhamos nosso sangue do próprio sol; o sol organizou um cosmos particular ao qual demos o nome de sistema solar, e ele, o sol, é o centro desse cosmos, é o deus desse cosmos, é o nosso deus sensível.

Por isso, a perfeição da imagem sensível, o divino sol material, anuncia para os metafísicos o grande sol imaterial que é Deus, o Bem, o Uno etc. O sol material organiza um cosmos sensível e contribui para a geração da vida sensível, mas o grande sol imaterial, que é o Supremo Bem ou Deus, cria todas as coisas na totalidade do universo e as nutre, as organiza, as conserva e as converte para Si. Todas as coisas aspiram-No, pois devem a Ele sua existência, por isso voltam-se para a suprema e eterna fonte de luz, que é Deus. A imagem platônica do sol serve a Dionísio Areopagita neste sentido, pois ilustra de forma incomparável a relação entre Criador e criatura na

constituição de um Cosmos único, que aos olhos humanos é infinito. Tudo tende para esse Deus, fonte inesgotável da luz da bondade, que cria e quer o bem de todas as criaturas.

É o pensamento metafísico que "des-cobre" esse cosmos solar-divino e imaterial, e "ex-põe" sua natureza reluzente para que possamos contemplá-la – sem jamais decifrá-la. Num nível físico, contemplamo-no com os olhos físicos, mas num nível suprafísico contemplamo-no com olhos da alma, o intelecto, como propõe o metafísico dos metafísicos, Platão. Platão dá vida a esta imagem solar, e sua lógica imagética é tentar estabelecer um paralelo decrescente e proporcional com o supremo Bem, um paralelo que seja capaz de apresentar o Bem pelo vigor da analogia; o sol é a imagem perfeita para isso, pois, em Platão, o Bem é esse grande sol imaterial, assim como, em Dionísio, o grande sol imaterial é Deus.

Referências

a) Bibliografia primária

DIONÍSIO, Pseudo-Areopagita. *Dos nomes divinos.* Introd., trad. e notas de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2004.

PLATÃO. *A República* [ou sobre a justiça, diálogo político]. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *The Republic*. Translated by Paul Shorey. Cambridge and London: Harvard University Press, 1994.

b) Bibliografia secundária

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1991.

BEZERRA, Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade*. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

LAÊRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: EdUnB, 1988.

LEÃO, Emmanuel Carneiro; WRUBLEWSKI, Sérgio. *Os pensadores originários*: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

MADALHAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura. *Dicionário grego-português*. v. 1-5. Cotia (SP): Ateliê, 2006.

PLOTINO. *Eneádas*. Trad. Jésus Igal. Madrid: Gredos, 1998-9.

PROCLUS. *Commentary on Plato's Parmenides*. G. Morrow e J. Dillon, Princenton: University Press, Princenton, 1987.

ROGUE, Christophe. *Compreender Platão*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Bento Silva. *A questão do mal na obra* "Dos nomes divinos" (IV, §§ 1835) de Dionísio Pseudo-Areopagita. 2006. http://www.bentosilvasantos.com/v2/index.php?Publica%E7%F5es:Artigos_online.

THE PLATONIC IMAGE OF THE SUN IN THE METAPHYSICS OF THE PSEUDO-DIONYSIUS: CONSIDERATIONS ABOUT THE DIFFUSION OF THE LIGHT OF GOD IN THE WORLD IN THE WORK *DIVINE NAMES*

Abstract:
In the work *Divine Names* of the Areopagite Pseudo-Dionysius the image of the sun arises in the context of the *metaphysics of the light*. This platonic image is used by the Pseudo-Dionysius as incomparable archetype to illustrate how the divine casts the rays of its infinite kindness and wisdom on all beings. The sun is the great star in charge of the origin and support of all that exists in the physical world and, for that reason, according to Dionysius, a perfect image of the power of God on the totality of the world. Just like Plato addresses himself to the elevations of the intelligible and organizes the reality from the Idea (*eidos* or *idea*) of Good, Dionysius develops this platonic image like the reality configures itself from God, and the sun is a fundamental instrument to the composition of the real. Our study, therefore, will analyze how the metaphysics of the light of the Pseudo-Dionysius reinterprets the platonic image of the sun, such image, present in Book VI of the *Republic*.
Key words: Areopagite Dionysius – *Divine names* – Good – sun – Plato – *Republic*